

Diversidade étnico-racial e as interações sociais na Educação Infantil

Racial ethnic diversity and social interactions in Early Childhood Education

Patrícia Batista Ribeiro¹, Roseli Albino dos Santos²

Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté-SP, Brasil

Resumo

O presente artigo está relacionado ao cotidiano das crianças de Educação Infantil no que se refere às interações sociais estabelecidas nesse ambiente escolar em relação à criança negra. Apresenta uma análise acerca de uma pesquisa realizada em uma instituição de Educação Infantil, que objetivou investigar como as interações sociais e relações raciais aconteciam entre crianças negras e brancas e com a professora da sala. Entendendo que este espaço escolar deve ser um ambiente que respeite a criança em suas individualidades e auxilie no desenvolvimento de habilidades de interação e respeito ao próximo, faz-se importante discutir a diversidade étnico-racial na escola. Para a realização do estudo utilizamos como instrumentos de coleta de dados entrevistas e observações do espaço escolar e da rotina da sala de aula. Os resultados apontam que as crianças, desde muito pequenas, conhecem e empregam categorias étnico-raciais em seus diálogos. Observou-se que nos momentos de brincadeira, em que estavam mais livres e autônomas para expressarem suas opiniões, as questões étnico-raciais surgiam em seus diálogos, no entanto, durante as brincadeiras elas se relacionavam sem que o pertencimento racial interferisse em suas interações. Vivências práticas em que a diversidade étnico-racial se fazia presente pareceu-nos possibilitarem para as crianças que esse assunto fosse tratado com mais naturalidade por elas. Buscamos por meio do presente texto, evidenciar a presença de questões étnico-raciais no contexto da Educação Infantil.

Palavras-chave: Diversidade étnico-racial. Educação infantil. Interações sociais.

Abstract

This article is related to the daily of children in early Childhood Education in regard to social interactions established in that school environment in relation to the black child. It presents an analysis of a survey carried out in an early Childhood Education Institution, which aimed to investigate how social interactions and race relations took place between black and white children and the teacher's room. Understanding that the school environment should be an environment that respects the child in their individualities and assist in the development of interaction skills and respect for others, it is important to discuss racial ethnic diversity in school. For the study we used as data collection instruments interviews and observations of school space and classroom routine. The results showed that children

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté. Professora de Educação Infantil da rede municipal de educação de São José dos Campos. E-mail: patybatistaribeiro@yahoo.com.br

² Docente pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté. E-mail: roselialbino@uol.com.br

from very small know and employ ethnic racial categories in their dialogues. It was observed that in times of play, they were more free and autonomous to express their opinions, racial ethnic issues arose in his dialogues, however, during the games they related without the racial belonging impair their interactions. Experiences practices that racial ethnic diversity was present it seemed possible to the children that this matter be treated more naturally for them. We seek through this text highlight the presence of racial ethnic issues in the context of early childhood education.

Keywords: Racial ethnic diversity. Childhood education. Social interactions.

Introdução

A Educação Infantil é o cenário em que se inicia a formação escolar do indivíduo. Nesta fase, um dos objetivos do educador é que a criança seja capaz de desenvolver habilidades sociais de interação entre as pessoas e seu meio.

As diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil destacam que as propostas pedagógicas dessa instituição devem considerar a criança como o centro do planejamento curricular, sendo esta um sujeito histórico e de direitos e que devem ser assegurados a ela “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e discriminação”. (BRASIL, 2009, art. 9, inciso VII).

Pensando a escola como esse ambiente em que as diferenças se encontram e são vivenciadas constantemente, é importante que se ensine a respeitá-las e a conviver harmoniosamente com elas. É interessante observar que mesmo as crianças menores já são capazes de reconhecer possíveis diferenças e semelhanças entre si e os participantes do seu grupo e identificar as características de cada uma delas.

Diariamente, o professor é capaz de verificar situações em que seus alunos percebem diferenças e semelhanças físicas e sociais que interferem nas escolhas e posturas diante das atividades propostas.

Nesse sentido, o presente artigo apresenta uma pesquisa que objetivou conhecer como aconteciam as interações sociais em relação à criança negra em uma unidade municipal de Educação Infantil.

A partir desses questionamentos foi realizado um estudo de caso que buscou conhecer e acompanhar como aconteciam as interações sociais entre os alunos e seus pares e com a professora da sala observada. Os sujeitos da pesquisa foram um grupo de crianças composto por meninos e meninas da faixa etária de quatro a cinco anos de idade.

Na busca por compreender como essas interações sociais aconteciam e como eram vivenciadas pelas crianças na faixa etária que corresponde à Educação Infantil, buscamos como aporte teórico autores como Goffman (2011) e Vygotsky (1998) que descrevem a relevância das interações na vida dos indivíduos. Também embasamos as análises nos estudos sobre as relações étnico-raciais, principalmente as que privilegiam a temática racial na Educação Infantil (CAVALLEIRO, 2000; DIAS, 2007; TRINIDAD, 2011; entre outros).

Interações sociais no contexto escolar

O espaço escolar apresenta inúmeras oportunidades para compreendermos as experiências sociais entre as crianças, ou seja, as relações e interações sociais que elas estabelecem com seus pares e com os adultos pertencentes a esse ambiente.

Por meio dessas interações, que acontecem nos mais diversos momentos da rotina escolar, a criança aprende, troca experiências, desenvolve autonomia, se reconhece e reconhece o outro enquanto sujeito.

Ao frequentar a escola, as crianças ampliam suas interações com outras crianças, com adultos e com objetos de conhecimento, possibilitando a construção de novas percepções sobre o mundo que as cerca.

Goffman (2011) define interação como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” e também como aquela relação que surge em situações sociais. Para o autor é preciso a presença física, em um determinado espaço e tempo para que a interação aconteça (GOFFMAN, 2011, p. 23).

Pensando na criança, Vygotsky (1998) destaca que o desenvolvimento humano se dá no meio social em que o indivíduo vive. Para ele, desde que a criança nasce ela é um ser social e para desenvolver-se necessita estar em contato com o meio, pois as interações sociais são elementos fundamentais na construção do indivíduo. Essas interações possibilitam avanços no nível de desenvolvimento, aprendizado de novas atividades, significados e conceitos.

Para Vygotsky o desenvolvimento do indivíduo se dá na relação com o ambiente sociocultural em que vive. Acreditando nessa interação entre os indivíduos para gerarem aprendizagem, ele desenvolveu o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que é definido como sendo:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p.112).

Segundo o autor existem dois níveis de desenvolvimento, o real e o potencial. O nível de desenvolvimento real refere-se à capacidade do indivíduo de realizar tarefas de forma independente. Esse período caracteriza-se pelas etapas já alcançadas pela criança, ou seja, aquilo que ela consegue realizar sozinha sem o auxílio de outra pessoa. São os denominados “ciclos de desenvolvimento já completados” (VYGOTSKY, 1998, p.111).

Para compreender o desenvolvimento da criança ele também considerou o nível de desenvolvimento potencial que está relacionado à capacidade de realizar tarefas com a ajuda de outros mais experientes. Nesse estágio, a criança não consegue realizar sozinha todas as atividades, mas sob a orientação e/ou colaboração de outro isso se torna possível.

O conceito de zona de desenvolvimento potencial é fundamental na teoria de Vygotsky devido à importância atribuída por ele à interação social. O autor considera que o desenvolvimento individual se dá num ambiente social e a relação com o outro é essencial para o processo de construção do ser psicológico.

É a partir da existência desses dois níveis que Vygotsky (1998) definiu a zona de desenvolvimento proximal como sendo o caminho que o indivíduo vai percorrer entre as funções que ainda não amadureceram e que depois de consolidadas farão parte da zona de desenvolvimento real.

As concepções de Vygotsky (1998) quanto aos conceitos de desenvolvimento, aprendizado e zona de desenvolvimento proximal deixam clara a importância entre esses processos e a relação do indivíduo com o ambiente sociocultural. Em outras palavras, esses não se desenvolvem plenamente sem o contato com outros indivíduos.

Sendo assim, podemos afirmar que a experiência social tem um importante papel no desenvolvimento cognitivo, confirmando assim a relevância da interação para o percurso de aquisição de conhecimentos por parte da criança.

Pensando na escola como sendo um lugar privilegiado em que as trocas de experiências e aprendizagens acontecem na relação entre as crianças e todos que compõem esse universo, Cavalleiro expõe:

A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo. Toda essa nova experiência pode ser muito positiva para o desenvolvimento da criança, o que caracteriza as creches e pré-escolas como um espaço importante para o desenvolvimento da criança (CAVALLEIRO, 2000, p.17).

Levando em consideração a importância dessa socialização e que são nas interações que as crianças aprendem sobre si e sobre os outros a sua volta, Cavalleiro (2000) questiona em suas pesquisas sobre como acontecem essas interações em relação à criança negra. Segundo ela, existe um silenciamento dessas questões e a ausência de discussão sobre a temática impede que as interações aconteçam de forma eficaz no que diz respeito à criança negra. Ela afirma que essa falta de preocupação com as questões étnico-raciais na escola colaboram para a construção de indivíduos preconceituosos e discriminadores.

Reconhecendo a relevância da interação social no desenvolvimento dos indivíduos, fica evidente a importância do trabalho com as diferenças étnico-raciais desde a primeira etapa da educação. Cabe à escola estruturar-se no sentido de promover trocas de experiências e construção de conhecimentos por meio da interação entre todos os alunos, independente de sua etnia.

Relações étnico-raciais na Educação Infantil

Nas últimas décadas alguns estudos (GODOY, 1996; CAVALLEIRO, 2000; OLIVEIRA, 2010) tiveram como objetivo a investigação de práticas educativas e as relações étnico-raciais que se constituem no espaço da Educação Infantil. Esses estudos evidenciaram que muitas vezes a abordagem em relação ao pertencimento étnico-racial é deixada de ser discutida por acreditar que as crianças pequenas não percebem as diferenças entre si e como consequência não existem discriminações nesse segmento da educação.

Contudo os resultados desses estudos mostraram que por meio de discursos, gestos e atitudes, as crianças percebem desde muito pequenas, as diferenças referentes ao seu pertencimento étnico-racial e algumas têm atitudes discriminatórias entre si.

A partir das imagens que lhe são oferecidas, a criança constrói sua própria imagem, na escola ela recebe inúmeros estímulos e informações por meio de desenhos, filmes, conversas que categorizam os seres humanos e também que os diferenciam e a partir dessas construções ela se identifica e se percebe dentro desse espaço.

Em pesquisa que teve como objetivo investigar as interações sociais estabelecidas entre as crianças e seus pares quanto às diferenças étnico-raciais, Gaudio e Rocha (2013) descrevem que as relações entre as crianças envolviam múltiplas dimensões e que ao organizarem suas ações e brincadeiras as crianças se apoiavam em elementos constitutivos de sua própria cultura, utilizando de concepções e visões estereotipadas que integravam a realidade que estava inserida, reproduzindo assim os conceitos produzidos historicamente. Os autores destacam que a cor da pele e a estrutura do cabelo foram os elementos que apareceram com destaque como aspecto de ideário de beleza pelas crianças em sua pesquisa. Destacam também a importância do adulto nesse contexto, observando e refletindo sobre as ações das crianças, para que a partir dessas ações possa criar estratégias pedagógicas com a intenção de auxiliar na desconstrução de visões estereotipadas acerca da diversidade étnico-racial, contribuindo para a construção de uma autoimagem positiva por parte dos seus alunos.

Na maioria das vezes, as imagens dos livros, dos vídeos, os brinquedos que permeiam o ambiente escolar são personagens brancos, de olhos claros e cabelos lisos e é sobre essa base que, muitas vezes, a criança constrói sua identidade.

Oliveira (2010) afirma que quando as imagens são constituídas tendo como referência ao hegemônico de branquitude, isso pode gerar um não pertencimento àquele lugar e ter, para as crianças negras, como consequência a exclusão e a baixa autoestima.

Muitas vezes as imagens estereotipadas utilizadas no ambiente escolar, espaço esse privilegiado para a formação, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, acabam por auxiliar na perpetuação do preconceito étnico-racial.

Em sua pesquisa sobre crianças negras na faixa etária da Educação Infantil, Cavalleiro (2000) descreve a respeito da representação da identidade negativa das crianças negras em relação ao grupo ao qual pertenciam e em contrapartida retrata que algumas crianças brancas revelavam sentimento de superioridade, assumindo atitudes preconceituosas e discriminatórias. Diante desses conflitos, a autora levanta alguns questionamentos sobre a percepção dos professores frente a esses conflitos e se posiciona:

[...] penso que a não percepção do racismo por parte das crianças também está ligada à estratégia da democracia racial brasileira, que nega a existência do problema. A ausência do debate social condiciona uma visão limitada do preconceito por parte do grupo familiar, impedindo a criança de formar uma visão crítica sobre problema. Tem-se a ideia de que não existe racismo, principalmente por parte dos professores, por isso não se fala dele (CAVALLEIRO, 2000, p.33).

Silva (2002) e Dias (2007) constataram em suas pesquisas que a partir dos três anos de idade as crianças começam a perceber as diferenças raciais e com o passar do tempo passam a julgá-las em conformidade com o contexto em que estão inseridas.

Os resultados desses estudos contrastam com os discursos de alguns professores da Educação Infantil que afirmam não observarem e nem acreditarem existir situações de preconceito ou racismo com crianças nessa faixa etária, negando a existência da discriminação racial.

A ausência da temática étnico-racial no currículo e nos projetos, além de reforçar o racismo, traz graves consequências para as crianças negras no que diz respeito a sua autoestima e também a sua aprendizagem, o silêncio não significa a ausência de conflitos, mas uma estratégia para evitar esses conflitos (CAVALLEIRO, 2000).

Existe um silenciamento em relação a esse assunto e muitas vezes uma invisibilidade da população negra nas práticas e nos materiais pedagógicos na escola.

Ao discutir sobre os debates realizados frente à temática da diversidade étnico racial e as diferentes formas de racismo presentes no espaço escolar, Rosemberg (2014) enfatiza o direito de todos a uma educação escolar democrática e de qualidade, incluindo as crianças pequenas. Ela destaca também as ações públicas que têm surgido na busca por minimizar as diferenças entre crianças brancas e negras, que são um avanço, mas que ainda são insuficientes, pois não eliminam todo o impacto negativo das desigualdades no âmbito escolar como, por exemplo, as desigualdades estruturais de acesso aos bens materiais, à permanência e o sucesso no sistema educacional. A autora aponta também para a importância do professor nessa busca por uma educação igualitária, a necessidade de este educador pensar em ações concretas que possam ser desenvolvidas no exercício da sua função e também em ações que ele possa desenvolver na esfera política.

Refletindo sobre o dia a dia do professor em sala de aula, Silva (2002) aponta que inúmeras vezes as ações por parte do professor evidenciam diferenças no tratamento com as crianças. Em um dos dados de sua pesquisa ela destaca que no discurso das professoras existia uma classificação, quando se tratava de distinguir quem eram as crianças fáceis ou difíceis para se trabalhar, as que elas classificavam como difíceis eram em sua maioria negras, principalmente os meninos negros, em contrapartida, as crianças consideradas fáceis eram as meninas brancas.

No entanto pesquisas como a de Dias (2007) destacam que se houver um investimento em cursos de formação, discussões e reflexões acerca desse tema com o intuito de promover a percepção da diferença de maneira positiva, há a possibilidade de mudanças nas práticas pedagógicas. Ela reitera que temos tido alguns avanços no que diz respeito à diversidade étnico-racial nas escolas, ações que foram impulsionadas pelas legislações.

Levando em consideração a legislação a que se refere, nos dias atuais muitas discussões têm sido levantadas referente à implementação da lei 10.639, sancionada em janeiro de 2003 pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo Ministro da Educação Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque. Essa lei altera os artigos 26 e 79 da LDB 9.394/96 tornando obrigatório o ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira” no Ensino Fundamental e Médio nos sistemas públicos e privados e tem como foco a valorização da cultura e da história dos negros no Brasil.

Em sequência, em março de 2004, o Conselho Nacional de Educação aprova o Parecer CNE/CP 3/2004 que estabelece as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” que amplia esse ensino para a Educação Básica e também o Ensino Superior.

Inúmeras são as lutas e reivindicações por medidas na área da educação que visam corrigir as desigualdades sociais que atingem particularmente a população negra. A lei 10.639/03 evidencia a luta dos movimentos negros para que a cultura afro-brasileira seja ensinada, mas sabemos que apenas a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira não é suficiente para que se tenha uma educação que contemple a diversidade; a legislação é um passo importante, mas com certeza precisa vir seguida de outros mais.

É importante salientar que a abordagem da lei sobre a história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares busca a construção de um novo modelo de sociedade que respeita e valoriza a sua história; porém o currículo por ele mesmo não garante mudanças, é apenas uma ferramenta para a discussão e valorização da cultura afro brasileira, as mudanças acontecem a partir das práticas escolares.

Por diversas vezes se torna difícil resgatar a história do negro e recontá-la da maneira como ela realmente é, pelo fato de que sempre ouvimos as histórias contadas a partir da ótica das pessoas brancas, com uma visão estereotipada do continente africano (OLIVEIRA, 2010).

É importante conhecer sobre a real contribuição da população negra na nossa sociedade, compreendendo sua influência por que:

 Ao omitir conteúdos em relação à história do país, relacionados à população negra, ao omitir contribuições do continente africano para o desenvolvimento da humanidade e ao reforçar determinados estereótipos, a escola contribui fortemente para o reforço de construções ideológicas racistas. Ainda hoje o negro é apresentado em muitos bancos escolares como o objeto escravo, sem passado, passivo, inferiorizado, desconfigurado, desprovido de cultura, saberes e conhecimentos. É como se o negro não tivesse participado de outras relações sociais que não fosse a escravidão (ROCHA, 2007, p.28).

As políticas públicas voltadas para o ensino de História e cultura Afro-Brasileira têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional e expressarem visões de mundo próprias, manifestando sua autonomia seja ela individual ou coletiva (OLIVEIRA, 2010).

Em muitos espaços educativos, a questão da raça e do racismo passa despercebida pelos sujeitos da escola, vivemos um mito da democracia racial e precisamos parar de reproduzir o silêncio sobre as questões raciais dentro e fora da escola, por isso a lei 10.639/03 é importante no sentido de atuar desvendando mitos criados e desconstruindo ideologias de inferioridade e incapacidade do negro.

Certamente que as mudanças curriculares propostas pela lei 10.639/03 trarão resultados positivos, mas muito ainda precisa ser feito, como capacitação dos professores, investimento em materiais didáticos que atendam a temática da pluralidade cultural e o acompanhamento por parte dos órgãos responsáveis pela implementação de fato da legislação.

A escola é um lugar privilegiado para desconstruir mecanismos que geraram a dominação racial e reconstruir conceitos sobre a pluralidade e igualdade étnico-racial.

Se o espaço da educação infantil contribuir para que as crianças reproduzam as relações de discriminação da sociedade mais ampla, ele contribui, também, para que elas eventualmente aprendam e desenvolvam novas relações, agora pautadas pela igualdade, pelo respeito às diferenças e pelo reconhecimento da riqueza da diversidade humana e étnico-racial (TRINIDAD, 2011, p.85).

Garantir a igualdade e assegurar as diferenças é um dos papéis cruciais da escola. A escola brasileira tem graves problemas de exclusão, discriminação e eliminação e para combater o racismo é preciso que a escola seja um espaço humano, que resgate a história de seus indivíduos e que considere todos como produtores de história e cultura, de uma história que é produzida coletivamente (KRAMER, 1995).

Para combater o racismo a escola tem que contribuir na construção da identidade, para que cada criança se reconheça como importante e a partir dessa identidade olhe para os outros e reconheça as diferenças existentes e como consequência disso se construa uma perspectiva humana e intercultural.

Diversidade étnico-racial e interações sociais – análise dos resultados

A pesquisa que originou o presente artigo foi realizada em uma escola de Educação Infantil do Vale do Paraíba, interior de São Paulo, Brasil. Esta escola estava situada em um bairro periférico da cidade, populoso, em um contexto marcado pela heterogeneidade social.

Para o desenvolvimento da pesquisa realizamos um estudo de caso que segundo André (2000), enfatiza o conhecimento particular, tendo como interesse compreender uma determinada unidade, porém isso não impede que o pesquisador também esteja atento ao contexto e as inter-relações como um todo.

Para a coleta dos dados foram utilizados como instrumentos a observação participante, a análise do projeto político pedagógico da escola e também foram realizadas entrevistas com a professora.

Com o intuito de conhecer as interações sociais entre as crianças quanto às diferenças étnico-raciais e nos aproximarmos das especificidades que envolviam essas interações, elegemos uma sala de aula que era composta por vinte e duas crianças, sendo onze meninos e onze meninas na faixa etária de quatro e cinco anos de idade.

Discutindo sobre pesquisas que envolvam crianças, Corsaro (2005) salienta que é importante estar inserido de forma ativa e efetiva no cotidiano destas. Ele afirma que este envolvimento é caracterizado como uma pesquisa “com” e não “sobre” crianças.

Pensando nisso foram realizadas observações e participações em diferentes momentos da rotina dos alunos (brincadeiras, atividades em sala, alimentação, parque), além de observações das interações que aconteciam entre as crianças e destas com a professora.

Ao iniciarmos as observações foi importante inicialmente estabelecer com as crianças uma relação de respeito e confiança para que com isso as observações acontecessem de forma mais espontânea e assim fosse possível aprofundar os conhecimentos

acerca das crianças e suas interações sociais, especialmente no que diz respeito aos aspectos étnico-raciais.

Nas observações realizadas constatou-se que as interações sociais entre as crianças eram vivenciadas não somente entre aquelas que pertenciam a uma turma específica, mas a escola proporcionava alguns momentos em que crianças de diferentes faixas etárias e de outras turmas pudessem conviver entre si; nos momentos destinados à refeição e às brincadeiras nos espaços externos mais de uma turma dividiam essas áreas. Essa interação entre as diferentes faixas etárias estava descrita na proposta do P.P.P. como uma ação que garantia experiências de convívio entre elas.

Na sala de aula, lugar em que os comportamentos eram mais controlados pela professora e em que as atividades eram mais direcionadas, as interações aconteciam de maneira mais dirigida, pois na maioria das vezes era a professora quem escolhia os lugares em que as crianças se sentariam e quem seriam seus parceiros durante as atividades.

Nas observações do dia a dia da sala de aula, as interações entre as crianças pareciam acontecer de forma prazerosa e sem conflitos envolvendo as questões étnico-raciais, a maioria delas participava das brincadeiras sem restrições, os conflitos que ocorriam estavam normalmente ligados à disputa por brinquedos ou outros materiais e pelas lideranças nas brincadeiras e não por características físicas. Observou-se que durante algumas brincadeiras acontecia uma separação natural entre meninos e meninas, por terem interesses distintos nas escolhas do que queriam realizar.

Apesar de não serem observadas atitudes preconceituosas entre as crianças e suas relações não parecerem ser pautadas pelo critério de cor/raça, vivenciamos experiências em que a linguagem revelava o que não aparecia no comportamento, algumas de suas falas demonstravam que elas percebiam as diferenças raciais e para algumas isso era considerado como algo desagradável.

Podemos perceber que desde pequenas, as crianças se apropriam de identificações étnico-raciais associando a valores presentes em seu entorno. Em uma conversa, enquanto estavam no momento designado de diversificado (tempo reservado para escolherem entre diversas propostas o que queriam realizar), surgiu o seguinte relato:

Amanda³: *Sabe, a Mara não gosta de brincar com ele (se referindo a um amigo que também estava na atividade) porque ele é negro.*

Otávio: *Eu não sou negro, eu sou uma pessoa. Se você falar que eu sou negro, vou falar que você é também, porque eu não gosto de ser negro, acho feio.*

Bruna: *A Maria Joaquina do Carrossel também briga com o Cirilo porque ele é negro e pobre. Eu fico com dó dele quando vejo Carrossel.*

Otávio: *Meus irmãos são brancos, eu também sou branco.*

Mara: *Eu não gosto de brincar com ele (se referindo ao Otávio) porque ele é bagunceiro, não é porque ele é negro.*

³ Por razões éticas e com o intuito de preservar o anonimato dos sujeitos que participaram do estudo, os nomes desses foram substituídos.

Amanda: *Mas a gente tem que ser amigo de todo mundo.*

Mara: *Mas ele não obedece à professora.*

Bruna: *No Carrossel a professora também fala que tem que ser amigo de todo mundo.*

A fala do Otávio evidencia que nessa faixa etária as crianças já percebem suas características, a identificação racial está presente em seus discursos, sendo que para algumas delas a cor negra parece incomodar.

Duarte (2012) em sua pesquisa com crianças da Educação Infantil, que tinha por objetivo pensar sobre a constituição da identidade e da consciência racial das crianças negras, constatou que desde muito pequenas as crianças constroem sua identidade racial baseada em conceitos negativos e em contrapartida essas crianças identificam quais características são valorizadas na sociedade e na escola e introjetam o ideal de branqueamento.

A escola é um espaço privilegiado para desconstruir esses mecanismos de dominação racial, ela pode favorecer tanto a reprodução de relações de discriminação, como também pode contribuir para que as crianças aprendam a desenvolver relações pautadas pela igualdade e pelo respeito às diferenças (TRINIDAD, 2011).

Em nossa sociedade existe um mito da democracia racial, em que se considera que a questão da raça não é legitimador de desigualdades de tratamento e oportunidades, contudo “o racismo estrutural e a injustiça social vivenciado por algumas raças são decorrentes do branqueamento, que é pautado no colonialismo europeu, na segregação racial e na tentativa de branquear o Brasil” (OLIVEIRA, 2010, p. 63).

Durante vários momentos da observação realizada, pode-se perceber que embora as atitudes de preconceito raciais não sejam vivenciadas constantemente entre eles, as questões raciais permeavam os diálogos da turma. Por meio da palavra, as crianças verbalizavam sobre si e sobre o outro, no que dizia respeito às suas identificações.

Otávio: *A minha irmã é leite, porque ela é muito branca, meu irmão e meu pai, porque eu tenho dois pais, é da cor de café. Eu queria ser branquelo.*

Letícia: *Por quê?*

Otávio: *Porque eu não gosto de preto, é muito escuro. A minha mãe não gosta dessa cor. Meu pai gosta de branco igual eu, e meu padrasto gosta de preto.*

Em sua pesquisa com crianças da Educação Infantil Cavalleiro (2000) constata que desde muito pequenas as crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem e isso muitas vezes pode ser percebido por suas falas e atitudes.

A fala de Mateus, participante da pesquisa, que é um aluno negro evidencia essa percepção:

Mateus: *Eu não gosto muito de pessoa preta.*

Pesquisadora: *Mas por quê?*

Mateus: *Eu já te disse outro dia que eu não gosto, só existe pessoa de duas cores, branca e marrom e eu sou branco.*

O cabelo também é uma característica que apareceu nos discursos de algumas crianças como algo negativo, como na afirmação da Manuela, uma aluna negra com cabelo crespo em que ela afirma:

Manuela: *Se tivesse jeito eu queria mudar o meu cabelo, fazia umas luzes pra ficar loira.*

Pesquisadora: *Por que você queria ficar loira?*

Manuela: *Porque eu acho mais bonito cabelo loiro.*

Nos relatos acima observamos que os padrões de beleza hegemônicos da sociedade atual são destacados pelas crianças quando falam do cabelo e da cor da pele. Essas normas de beleza são aprendidas desde cedo, seja no cotidiano familiar, na escola, na sociedade ou pelos meios de comunicação que propagam essa cultura hegemônica, sem espaço para a diversidade, em que a ideologia do branqueamento, descreve o “homem branco” como a referência de modelo universal.

Sendo a identidade racial muitas vezes construída de forma negativa em nossa sociedade, o professor tem um importante papel na reconstrução dessa identidade para que ela seja vista como positiva por parte do aluno negro. Para isso o professor precisa ter um olhar atento para a diversidade racial e reconhecer a presença desses questionamentos no discurso infantil.

Dias (2012), ao discutir sobre a formação do professor com o enfoque na diversidade étnico racial, questiona como os professores mobilizam seus saberes na construção de um currículo para a diversidade após seus períodos de formação. Ela destaca que poucas vezes os professores afirmam perceber a discriminação no seu cotidiano escolar, e que há a necessidade de se criar oportunidades de discussão sobre o tema, para que ações sejam propostas a partir dessas discussões. Aponta ainda que atuar sobre a formação dos professores é fundamental e pode gerar respostas positivas no combate à discriminação na escola, para isso essa formação deve proporcionar uma análise crítica da própria prática, com uma atitude reflexiva para que assim o professor possa interferir na realidade educacional de forma eficaz.

Considerando a relevância da figura do professor na construção do respeito à diversidade racial em sala de aula, a professora foi questionada se já havia presenciado situações de preconceito em sua sala ou se já percebera alguma exclusão em relação aos alunos negros. Ela afirmou já ter visto atitudes preconceituosas entre seus alunos, mas esclareceu que não era somente relacionada à cor da pele, mas também por características físicas, como com uma aluna com deficiência. Ao ser solicitada a relatar alguma vivência surgiu o seguinte relato:

[...] *teve alunos que, um que falou, ah você é preto, você é suja, né, e aí da criança ir embora ficar chateada e esfregar o pé, achar que vai sair essa cor, e não falou nada pra mim, depois a mãe que veio conversar comigo (Professora).*

A professora afirmou que após esse fato percebeu a necessidade de desenvolver um trabalho voltado para a diversidade étnico-racial em sua turma, como o intuito de que eles respeitassem seus amigos. Ela assegurou que o trabalho realizado durante o

ano propiciou que as crianças discutissem sobre o tema e refletissem acerca de suas atitudes, em sua fala afirmou que “diminuiu bastante, mas às vezes escapa alguma coisinha” e que os alunos já perceberam que “eu não aceito, que pode vir reclamar, não gostou do que o amigo falou, pode vir, que eu vou tentar fazer alguma coisa”.

Um exemplo citado pela professora como uma prática que envolveu a questão da diversidade étnico-racial foi a exibição de um vídeo aos alunos (Normal é ser diferente – Jair Oliveira), que retrata as diferenças como cor da pele, cabelo, nacionalidade. Após a exibição, em roda de conversa, dialogaram sobre o assunto e eles puderam falar sobre suas percepções acerca do que tinham assistido. Segundo ela, essa atividade propiciou uma roda de conversa em que os alunos tiveram a oportunidade de colocar suas ideias sobre como enxergavam as diferenças existentes entre eles.

Durante o período de observação foi possível presenciar alguns momentos em que a diversidade étnico-racial estava presente nas práticas pedagógicas da sala de aula. Nas situações de contação de histórias, que aconteciam todos os dias, por exemplo, alguns dos livros tinham personagens negros, embora em proporção muito pequena, a questão racial era contemplada. Também nessas situações, embora essas histórias não tivessem o objetivo de levantar discussões sobre as questões raciais, as crianças tinham a oportunidade de ampliar seu repertório imagético, vendo a presença de personagens negros nos livros infantis.

Nas rodas de conversa as questões raciais também apareciam, como por exemplo, em uma atividade em que o foco era o trabalho com a identidade a professora disponibilizou espelhos para que as crianças se observassem, direcionando em seguida um diálogo para que falassem sobre o que estavam vendo, suas características e suas percepções. Nesse momento surgiram falas da professora como “a gente não é igual”, “a gente tem diferença”, “se todos fossem iguais, como saberíamos quem é quem, precisamos ser diferentes”.

Proporcionar a reflexão e discussão sobre a diversidade racial é um importante papel da escola, pois ela precisa encontrar caminhos para enfrentar a discriminação e o preconceito, somos seres singulares, caracterizados pelas nossas diferenças e conviver com essas diferenças é parte do nosso dia a dia e também permeia o espaço escolar.

Cavalleiro (2000), Oliveira (2012) e Santos (2013) ao discutirem em seus estudos sobre as interações raciais na Educação Infantil apontam que desde pequenas, existe entre as crianças o preconceito, a discriminação e o racismo e que essas atitudes permeiam as relações individuais e coletivas no espaço escolar. Para Cavalleiro, “a não percepção do racismo por parte das crianças está ligada à estratégia da democracia racial brasileira, que nega a existência do problema” (CAVALLEIRO, 2000, p.33).

Para que práticas promotoras de igualdade racial aconteçam na escola de forma eficaz e gere em toda a comunidade escolar mudanças significativas é importante inicialmente a conscientização de que crianças desde muito pequenas já são capazes de perceberem sua identificação racial, e que pelo fato da criança estar imersa em uma sociedade em que as diferenças não são respeitadas e muitas vezes são vistas como sinônimo de inferioridade, desde muito cedo ela é capaz de ter atitudes preconceituosas para com seus colegas pelo pertencimento racial.

O não reconhecimento da problemática das desigualdades raciais e as consequências disso para a instituição escolar, para as práticas e vivências entre as crianças faz com que as atitudes não sejam modificadas.

Um importante agente de mudanças, sem dúvida, é o professor, figura esta que serve muitas vezes de modelo para os alunos. A maneira como esse adulto, por meio de suas atitudes e práticas no dia a dia, demonstra respeito à diversidade racial da sua turma de alunos interfere diretamente nas atitudes das crianças.

Nas interações estabelecidas na sala de aula entre as crianças e a professora foi possível verificar que existia uma relação de respeito mútuo entre eles. No momento da entrada, a professora ficava sempre na porta da sala recepcionando os alunos, todos da mesma forma, tanto crianças brancas como negras, não presenciamos situações em que a cor da pele ou características físicas interferissem no trato da professora com os alunos, parecia existir entre eles uma relação de companheirismo e cumplicidade.

Os conflitos que aconteciam, na sua maioria ocorriam pela disputa por brinquedos e nesses momentos as crianças sempre pediam ajuda da professora para tentar solucioná-los. Sua postura diante desses momentos era de diálogo com os alunos, ela chamava as crianças envolvidas e questionava os motivos das discussões, levando-os a refletir sobre os motivos das brigas e juntos tentavam achar um acordo para o ocorrido.

Embora não tenha sido presenciada pela pesquisadora nenhuma situação de discriminação racial por parte da professora para com os alunos negros, um fato chamou à atenção, em alguns momentos do dia a professora dispensava uma atenção especial a um determinado aluno da sala, ouvindo-o atentamente, conversando com ele sobre diferentes assuntos, deixando que ele sempre expusesse suas opiniões nas rodas de conversas. Pedro, um aluno branco de olhos azuis, sempre recebia elogios da professora, como sendo “esperto, criativo, obediente, uma belezinha”, por diversas vezes ela relatava suas qualidades e participação nas aulas.

Em contrapartida, Otávio, um aluno negro, que gostava de conversar bastante e passear pela sala, era sempre advertido por ela, parecia não ser ouvido com tanta atenção a apreço e sempre era trocado de lugar, por considerar que estava atrapalhando o desenrolar da atividade. Em alguns momentos ela o descrevia como sendo o “terrível da turma”, “o que me dá mais trabalho”. A professora elogiava Pedro (aluno branco), exaltando suas características positivas enquanto que Otávio (aluno negro) era sempre advertido.

A observação dessa diferença na interação da professora com esses alunos foi uma situação pontual, porém acreditamos que se faz necessária uma pesquisa mais aprofundada dessa relação, para que se observe o quanto a negritude pode ser mais uma marca para esse aluno no que diz respeito às considerações da professora sobre seu comportamento.

Essa diferença de tratamento com esses alunos leva a uma reflexão a cerca de um racismo que acontece muitas vezes de forma velada, como em nossa sociedade em inúmeras ocasiões a cor da pele é relacionada a comportamentos indesejáveis, a criança negra é estigmatizada, caracterizada como um aluno com mau comportamento, enquanto que os alunos brancos são indicados como bons alunos.

Muitas vezes o tratamento diferenciado está baseado em uma linguagem não verbal, por meio de atitudes, gestos e tons de voz “que reforçam o racismo e a rejeição por parte das crianças em relação ao seu pertencimento racial” (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, p. 212).

Oliveira e Abramowicz (2010) realizaram uma pesquisa, com crianças de zero a três anos e constataram uma diferenciação no tratamento dispensado pelos adultos entre crianças brancas e negras. Os resultados de seus estudos apontaram que apesar de práticas de diferenciação, principalmente de caráter racial e estético, as professoras diziam não haver diferença, segundo as autoras havia um “apagamento/apaziguamento das diferenças no discurso da igualdade ainda presente como um resíduo da democracia racial” (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, p. 223).

Para Cavalleiro (2000) o espaço escolar é um ambiente em que as crianças se deparam com incontáveis possibilidades de interiorizarem atitudes e comportamentos preconceituosos. Tanto as professoras como os outros adultos presentes nessa instituição expressam, por meio de suas ações, o preconceito que está arraigado em nossa sociedade. Muitas vezes, de forma silenciosa, as crianças brancas e negras experimentam oportunidades diferentes, o que sugere a criança branca uma compreensão de que há uma superioridade étnica, enquanto a negra internaliza sua inferioridade.

Oliveira e Abramowicz (2010) afirmam que é importante um saber específico envolvendo a questão racial, para que os profissionais tenham clareza de suas atuações e questionem suas práticas pedagógicas cotidianas, pois estas muitas vezes estão atreladas a um fazer acrítico e reforçam situações de racismo que interferem na construção da autoestima da criança negra e na construção de uma sociedade plural e democrática.

É importante repensar a formação de educadores e assegurar que as produções teóricas sejam discutidas e refletidas na escola articulando as diferentes áreas de conhecimento para contribuir com a formação do educador. (OLIVEIRA, 2012).

O professor, o adulto experiente, precisa conhecer sobre o assunto para assim auxiliar seus alunos na criação de estratégias que visem à desconstrução de visões estereotipadas acerca da diversidade étnico-racial. A escola precisa desenvolver ações pedagógicas em relação às questões raciais e oferecer às crianças,

[...] uma educação de fato igualitária, desde os primeiros anos escolares [...], pois as crianças dessa faixa etária ainda são desprovidas de autonomia para aceitar ou negar o aprendizado proporcionado pelo professor, ou seja, podem se tornar vítimas indefesas dos preconceitos e estereótipos transmitidos pelos mediadores sociais (CAVALLEIRO, 2000, p. 37).

Um grande desafio é criar oportunidades para tratar esse tema na escola para que a partir dessas discussões seja possível construir caminhos para uma educação antirracista que gere ações que não permeiem somente a fala, as atitudes, mas também todo o espaço escolar, enquanto ambiente que respeita a diversidade étnico-racial.

Considerações finais

A diversidade étnico-racial está presente no contexto escolar assim como em todos os ambientes que compõem a nossa sociedade, somos uma mistura de raças, crenças e multiplicidade de histórias. Compreender como as interações sociais entre as crianças negras e brancas são estabelecidas na escola e como as práticas pedagógicas

são capazes de auxiliar ou não a promoção da igualdade racial nesse ambiente foram algumas das questões que nortearam esse estudo.

Todas as crianças, independente de suas características raciais, têm o direito de conviverem em um ambiente escolar em que sejam respeitadas e que as práticas pedagógicas sejam planejadas e (re) planejadas possibilitando a todas elas oportunidades igualitárias para desenvolverem sua identidade e compreenderem as diferenças como algo natural e positivo.

Infelizmente a escola ainda pode ser considerada um ambiente em que o racismo é aprendido e isto se deve ao fato de que grande parte do seu currículo é centrada no modelo eurocêntrico, os programas educativos, os manuais escolares e muitas vezes o comportamento diferenciado de alguns professores frente aos alunos brancos e negros, evidencia o preconceito.

Nesse estudo, no período em que a pesquisadora esteve presente, não foram presenciadas situações de discriminação racial entre as crianças, o que não significa a ausência desse tipo de atitude no espaço investigado.

A observação de diferentes momentos da rotina das crianças possibilitou conhecer as suas formas de se relacionarem e interagirem e foram nos momentos de brincadeira, em que estavam mais livres e autônomas para expressarem suas opiniões que as questões raciais surgiam em seus diálogos. Observou-se que as crianças desse estudo não pautavam suas relações pelo critério de cor/raça, porém a identificação racial apareceu em seus diálogos, sendo para algumas delas a cor da pele ou o cabelo visto como algo desagradável.

Nas interações com a professora da sala as situações de discriminação racial também não apareceram, ela demonstrava preocupação em desenvolver práticas voltadas para a diversidade étnico-racial com sua turma. No entanto, em algumas de suas falas a questão racial aparecia de forma sutil, como quando classificava alunos obedientes e desobedientes, comportados e bagunceiros, sendo que nessa classificação as crianças negras foram destacadas como as mais difíceis e com comportamentos indesejáveis.

Vivenciar práticas em que a diversidade étnico-racial se fazia presente pareceu-nos possibilitar para as crianças que esse assunto fosse tratado com mais naturalidade por elas, pois o silenciar esse tema pode favorecer ainda mais inúmeras reações de preconceito.

A realidade da escola ainda é um espaço de discriminação racial, muitas vezes ela favorece a reprodução do preconceito, no entanto é também espaço de ações que atuam na desconstrução dessa discriminação.

Mediante as análises aqui realizadas, reiteramos o que as pesquisas nessa área apontam sobre a necessidade de formação do professor para a diversidade étnico-racial, para que ele tenha um olhar atento para as situações de preconceito e interfira, como adulto mais experiente, ensinando as crianças a lidarem com seus conflitos de maneira respeitosa, contribuindo para uma educação mais igualitária.

Ainda há muito que fazer, com certeza os ranços da nossa história contagiam a ideia de inferioridade do negro que também persiste no contexto da escola, porém pequenas ações podem proporcionar que a escola seja um espaço potencializador de equidade, na busca por uma educação igualitária que favoreça a construção de novas experiências e representações das diferentes culturas.

Referências

- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2000.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília, MEC, 2009.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 443- 464, ago. 2005.
- DIAS, L. R. **No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo**. 2007. 319 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, São Paulo, 2007.
- DIAS, L. R. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, n.17, p. 661-759, set. 2012.
- DUARTE, C. P. T. A abordagem da temática racial na educação infantil: o que nos revela a prática pedagógica de uma professora. In: BENTO, M. A. S. (Org.) **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: CEERT, 2012.
- GAUDIO, E. S.; ROCHA, E. A. C. R. Relações étnico-raciais num contexto de educação infantil. **Momento**, n.1, p.35-50, jan./jul.2013.
- GODOY, E. A. **A representação étnica por crianças pré-escolares: um estudo de caso à luz da teoria piagetiana**. 1996. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, 1996.
- GOFFMAN, E. **Ritual de interação** – Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KRAMER, S. Questões raciais e educação. Entre lembranças e reflexões. **Cadernos de Pesquisa** - São Paulo, n.93, p.66-71, maio 1995.
- OLIVEIRA, F. de; ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e paparicação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.02, p.209-226, ago. 2010.
- OLIVEIRA, V. C. **Educação das relações étnico raciais e estratégias ideológicas no acervo do PNBE 2008 para educação infantil**. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- OLIVEIRA, S. M. **A formação de atitudes racistas em uma unidade de educação Infantil em Belo Horizonte: o que as rotinas e as interações entre as crianças nos revelam**. 2012. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2012.
- ROCHA, L. C. P da. Política Educacional e a Lei 10.639/03: Uma reflexão sobre a necessidade de superação de mecanismos ideológicos legitimadores do quadro de desigualdades sociais na sociedade brasileira. In: SILVA, P. V. B. (Org.) **Notas de história e cultura afro-brasileiras**. Ponta Grossa: Ed. UEPG/ UFPR, 2007.
- ROSEMBERG, F. Educação Infantil e relações raciais: a tensão entre igualdade e diversidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.44, p. 543-758, jul./set. 2014.
- SANTOS, J. N. dos. **Preconceito racial em foco: uma análise das relações estabelecidas entre crianças negras e não negras na educação infantil**. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2013.
- SILVA, V. L. N. da. **Os estereótipos racistas nas falas de educadoras infantis** – suas implicações no cotidiano educacional da criança negra. 2002. 107 f. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.
- TRINIDAD, C. T. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaço de educação infantil**. 2011. 222 f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa em Psicologia da Educação, São Paulo, 2011.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.